

Davi Alexandre Tomm, Guilherme Mautone, Lauro Iglesias Quadrado,
Patrícia Cristine Hoff, Paula Trusz | O recinto mágico onde dançamos nossa
torpe dança e cantamos nossa melancólica canção

> O recinto mágico onde dançamos nossa torpe dança e cantamos nossa melancólica canção

> The enchanted place where we dance our clumsy dance
and sing our sorrowful song

por Davi Alexandre Tomm

Doutorando em Letras na UFRGS, na linha de pesquisa Teoria, Crítica e Comparatismo. Bolsista CAPES. E-mail: tomm.davi@gmail.com. ORCID: 0000-0001-5713-0701.

por Guilherme Mautone

Doutorando em Filosofia na UFRGS, com pesquisa em Filosofia da Arte e Estética sobre a questão das definições de arte na contemporaneidade. Bolsista CAPES. E-mail: guimautone@gmail.com. ORCID: 0000-0001-8623-6230.

por Lauro Iglesias Quadrado

Professor Colaborador no curso de Letras – Inglês na Universidade Estadual do Paraná. Doutor em Letras, Literaturas de Língua Inglesa, pela UFRGS. E-mail: lauroiq@gmail.com. ORCID: 0000-0002-8272-0073.

por Patrícia Cristine Hoff

Professora no Instituto Federal Sul-rio-grandense. Doutoranda em Letras na UFRGS, na linha de pesquisa Teoria, Crítica e Comparatismo. E-mail: patriciacristine.hoff@gmail.com. ORCID: 0000-0001-9910-7892.

por Paula Trusz

Doutoranda em Artes Visuais junto ao PPGAV/UFRGS, na área de História, Teoria e Crítica. Pesquisa produções artísticas de mulheres que discutam questões relativas ao sistema de sexo/gênero nas redes sociais. E-mail: paulatrusz@gmail.com. ORCID: 0000-0002-5700-1245.

A Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte surge em 2018 a partir de um reposicionamento extensivo da antiga *Philia & Filia*. Seu corpo editorial se amplia e modifica, novos agentes editoriais passam a colaborar com o periódico, ele muda seu foco, seus objetivos, reestipula suas seções, políticas editoriais e

diretrizes e repensa sua identidade. Portanto, repensa seus próprios fundamentos.

Diante da oportunidade de repensar estruturalmente a organização e editoração de um periódico, encontra-se o momento incontornável de refletir sobre a sua missão e considerar, depois disso, o esforço de coesão que é preciso existir entre os agentes envolvidos, das tarefas mais abstratas às mais burocráticas. Desse modo, a **PHILIA** nasce do encontro entre as áreas da filosofia, da literatura e das artes visuais; da amizade entre os agentes editoriais dessas distintas áreas; e, sobretudo, do nosso reconhecimento da própria amizade entre esses campos. Sabemos da proximidade criativa que há anos se consolida entre o discurso filosófico, o literário e as visualidades, e que, especialmente depois das experimentações pós-modernistas do século XX, passam a denunciar a ossificação dos formalismos e purismos moldados teoricamente por Greenberg¹ e, antes dele, Lessing², em função do reconhecimento dos rápidos processos de massificação alienante na contemporaneidade.³ Nesse sentido, não causa surpresa que artistas como Joseph Kosuth, Cildo Meireles e Paulo Bruscky, por exemplo, tenham procurado explorar as relações sucessivas e a proximidade entre esses campos, motivados e legitimados pelas primeiras experimentações conceituais de Duchamp desenvolvidas entre 1913 e 1917. Kosuth, em particular, fala dos *argumentos de sua arte*, incorporando o jargão filosófico no fazer artístico e arregimentando, em seus escritos, uma verdadeira troca de objeções e respostas em termos filosóficos para confeccionar alguns dos sentidos e contextos de sua obra.⁴ Também as *Inserções em circuitos ideológicos*, de Cildo Meireles, e os escritos de Bruscky sobre *Mail Art* chamam atenção para a incontornabilidade do legado duchampiano e a aproximação que se perfaz entre as fronteiras das artes visuais

¹ Cf. Clement Greenberg, *Arte e Cultura*, 2013.

² Cf. Gotthold Ephraim Lessing, *Laocoon*, 2011.

³ Cf. Theodor Adorno, *Teoria Estética*, 2008.

⁴ Cf. Kosuth, *A arte depois da filosofia*, 1969. In Glória Ferreira & Cecília Cotrim (orgs.), *Escritos de Artistas*, 2013.

e dos discursos filosófico e literário – seja na denúncia da mecanização do artefato em Meireles ou naquilo que o meio epistolar possibilita comunicar em Bruscky.⁵

Por certo alguns dirão que existe, antes disso, uma demanda por justificativa, uma exigência em explicar a razão para o encontro desses campos e para a crença de que esse encontro seja de fato fortuito, capaz de gerar oportunidades novas de reflexão e de mudança. Nesse sentido, a sugestão de Wittgenstein, em *Cultura e Valor*, aponta a relevância dessa insistência.

Hoje em dia as pessoas pensam que os cientistas existem para as instruir; que os poetas, os músicos, etc., existem para lhes proporcionar prazer. A ideia de que estes tenham algo para lhes ensinar não lhes ocorre. A execução de um trecho musical ao piano é uma dança dos dedos humanos. Poderia se dizer que Shakespeare mostra a dança das paixões humanas.⁶

A ideia por trás do trecho de Wittgenstein pode também ser compreendida na sutileza de sua denúncia dos projetos teóricos que buscaram totalizar ainda na contemporaneidade os sentidos da arte – musical, literária, visual – através de modelos clássicos de explicação do artístico em termos epistemológicos, calcados nas noções de *experiência estética*, beleza, graça e sublimidade. Foram esses projetos *estetizantes* que, de outro lado, viram-se obrigados a reconduzir a discussão sobre o fundamento ontológico das artes em termos formalistas ao porto seguro e objetivo capaz de lastrear a nossa experiência com a arte. Sugerir, portanto, uma denúncia da *estética* (e seu formalismo) implica também, conforme lembrará Carroll⁷, na retomada crítica e não ingênua de sua própria constituição no campo das ideias. Ademais, implica na recolocação de uma investigação necessária sobre o que é a arte hoje em dia e como ela se relaciona com as culturas.

Por outro lado, a assunção da ideia de que as artes constituem, junto da filosofia, atividades específicas que reencenam, discutem, problematizam,

⁵ Cf. Cildo Meireles, *Inserções em circuitos ideológicos*, 1970. E Cf. Paulo Brusck, *Arte Correio e a grande rede: hoje, a arte é este comunicado*, 1976. Ambos em Glória Ferreira & Cecília Cotrim (orgs.), *Escritos de Artistas*, 2013. Uma discussão sobre a proximidade entre literatura e artes visuais em Duchamp, especialmente na ocasião de apresentação de *A Fonte*, em 1917, pode ser encontrada em Thierry de Duve, *Cousu au fil d'Or: Beuys, Warhol, Klein, Duchamp*, 2002.

⁶ Wittgenstein, *Cultura e Valor*, 1980, p. 61.

⁷ Cf. Noël Carroll, *Beyond Aesthetics*, 2001.

questionam, lançam luz, pantomimam, confirmam, dissolvem ou que ajudam a consolidar outros tipos de atividades ainda mais básicas à nossa existência é, de fato, instigante. Ela certamente ecoa da sugestão de Wittgenstein. Não só dela, mas também do trabalho magistral de Gombrich, em *Arte e Ilusão*, com sua incorporação do esteio semiótico de C. S. Peirce, na tentativa de explicar a produção imagética entre os diversos tempos e culturas. Ali, as relações intrincadas entre a visão e a imagem são costuradas e entretecidas pela ideia de que a arte, provavelmente, opera, dadas as suas especificidades, enquanto um dos muitos modos de organização humana.⁸ Veremos anos mais tarde essa mesma ideia reaparecer em Alva Noë com sua tese sobre a natureza das artes enquanto modalidades aprimoradas de exibição e discussão daquelas atividades que organizam os indivíduos.⁹ O rastro da noção de que as artes são modos muito arrojados de comentários específicos sobre a própria natureza (ou condição) humana se encontra, sem dúvidas, naquela sugestão wittgensteiniana.

A disposição em retomar essas discussões que entendem o campo das artes como lugar de aprendizado e encontro com a nossa própria humanidade também passa por uma capacidade (e uma disposição) de olhar atentamente para as artes tomando certa distância daquelas posições estereotipadas e que imputam ao artístico a leviandade da decoração agradável e do entretenimento fugaz. Contemplar a arte em outros termos, talvez em termos não-egoístas, como pretendeu Iris Murdoch¹⁰, reconduz-nos ao realismo inexorável da ritmicidade dos dedos ao piano, do corpo ao dançar, dos afetos humanos multifacetados ao tecer a narrativa e das complexidades da visão ao desenhar, pintar, esculpir, instalar, recolocar, experimentar, enunciar. Para as artes e seus investigadores fica, hoje, uma lição:

De tudo isto, meus amigos, surge uma lição que o poeta deverá aprender com os outros. Não há nenhuma solidão intransponível. Todos os caminhos levam ao mesmo ponto: à comunicação do que somos. E devemos atravessar a solidão e a aspereza, o isolamento e o silêncio, para então

⁸ Cf. Ernst Gombrich, *Arte e Ilusão*, 2007.

⁹ Cf. Alva Noë, *Strange Tools: Art and Human Nature*, 2015.

¹⁰ Cf. Iris Murdoch, *A soberania do Bem*, 2012.

chegar ao recinto mágico em que podemos dançar torpemente nossa dança
ou cantar com melancolia a nossa canção – mas nesta dança ou nesta
canção estão consumados os mais antigos ritos da nossa consciência, da
consciência de ser humano e de crer em um destino comum.¹¹

No espírito dessa amizade *in artibus* lançamos o primeiro número de
PHILIA, no qual o leitor poderá encontrar artigos, resenhas, uma tradução e um
ensaio visual que, cada qual a seu modo, pretendem explorar as relações
sucessivas entre as distintas artes e a construção discursiva.

O artigo *Hannah Arendt & João Guimarães Rosa: Reflexões sobre a
amizade e a educação*, de Carlos Eduardo Gomes Nascimento, procura tecer
algumas relações entre o pensamento filosófico de Hannah Arendt e as reflexões
poéticas da literatura de João Guimarães Rosa no tocante à noção de educação e
ao conceito de amizade, ou *philia*. O ponto principal do autor consiste em mostrar
que a educação, quando voltada para a atividade da narração de histórias,
consegue fundamentar laços de amizade entre educadores e educandos, na
perspectiva de transmissão de um legado cultural que se expressa, sobretudo,
através da linguagem.

Em *Agustina Bessa-Luís & Paula Rego: As Meninas ou proposta de
linguagem. Apropriação e Ressignificação*, escrito por Cláudia Capela Ferreira,
encontramos um artigo que procede, intertextualmente, a sucessivas
comparações entre a obra pictórica da pintora Paula Rego e as interpretações e
experiências narradas pela escritora portuguesa. O resultado desse trabalho
comparativo consiste numa espécie de denúncia daquela ideia da interpretação
totalizante que pretende, sob o critério do contato com a obra de arte, reputar a
obra um sentido único capaz de supostamente expressar a verdade. A autora

¹¹ Pablo Neruda, *Towards the Splendid City*, 1971. Tradução nossa. Trecho original: “From all this, my friends, there arises an insight which the poet must learn through other people. There is no insurmountable solitude. All paths lead to the same goal: to convey to others what we are. And we must pass through solitude and difficulty, isolation and silence in order to reach forth to the enchanted place where we can dance our clumsy dance and sing our sorrowful song – but in this dance or in this song there are fulfilled the most ancient rites of our conscience in the awareness of being human and of believing in a common destiny”.

pretende, assim, mostrar como pintora e escritora se inserem no horizonte da produção pós-modernista a partir dessa denúncia.

O artigo *1870 – O agenciamento Masoch, o agenciamento das peles*, de Diego Lock Farina, procura apresentar as complexidades singulares do célebre livro do austríaco Leopold Ritter von Sacher-Masoch, *A Vênus das Peles*, escrito em 1870 e fonte de inspiração para a incorporação psiquiátrica e psicanalítica, por Richard von Krafft-Ebing e, mais tarde, Sigmund Freud, do sado-masoquismo. Farina procura, portanto, indicar em que sentido a obra de Sacher-Masoch poderá ser lida originalmente a partir de outras chaves interpretativas (oferecidas por Deleuze e Derrida) capazes de denunciar as parcialidades de um uso exemplar da literatura na formulação da unidade sado-masoquista e sua sintomatologia em Krafft-Ebing e Freud.

Em *O eu que se narra: as literaturas de si e a construção do sujeito*, Jessica Antunes Ferrara Correio procura explorar e desenvolver a concepção de que a subjetividade é construída a partir da experiência intencional de narração de si mesmo, ou de constituição subjetiva como experiência narrativa. Assim, procede a uma discussão do que chama de teorias da sujeição como aporte teórico para, então, fundamentar uma análise estruturante das próprias literaturas de si.

Lilian Regina Gobbi Bachi, em *As personagens de O Pequeno Príncipe: A intertextualidade como processo de construção da noção de infância*, parte da possibilidade de intertextualidade entre o livro *O Pequeno Príncipe* e o filme homônimo com foco nas personagens dessas produções. A partir desse cotejamento entre literatura e cinema, decalca também a possibilidade de pensarmos na personagem infantil e na constituição da infância.

O artigo *The concept of color as a grammar problem in Wittgenstein's perspective of language*, de Luca Nogueira Igansi, procura apresentar razões para que o problema das cores em Wittgenstein seja compreendido enquanto um problema gramatical e não enquanto um problema fenomenológico ou simplesmente científico. Para tanto, o autor apresenta a mudança ao longo do

pensamento de Wittgensten sobre a noção de significado e a introdução da noção de gramática. Igansi recupera, em sua exposição, a discussão que Wittgenstein pretende estabelecer com a teoria das cores de Goethe, abrindo também espaço para uma consideração sobre as artes visuais e, em especial, sobre a pintura de Runge.

Marcilene Moreira Donadoni, em *O passar do tempo no romance de formação: Uma leitura de O fazedor de Velhos, de Rodrigo Lacerda*, procura apresentar alguns aspectos da obra de Rodrigo Lacerda, publicada em 2008, mostrando como ela recupera e dialoga com o gênero do *Bildungsroman* através de uma discussão dos aspectos estruturais do romance de formação.

O artigo *Pequenas Grandes Mentiras: Uma ponte entre a violência doméstica e a Fenomenologia do Espírito de Hegel*, de Marloren Lopes Miranda, parte da presença de alguns elementos estruturais do romance *Pequenas Grandes Mentiras*, de Liane Moriarty, para discutir a famosa passagem da dialética do senhor e do escravo na *Fenomenologia do Espírito* de Hegel. Miranda entende a presença da relação de dominação e escravidão no romance de Moriarty enquanto uma corporificação, concreção, daquilo que em Hegel aparece abstratamente. Uma vez estabelecida essa relação, Miranda realiza uma discussão sobre a questão da violência doméstica contra as mulheres.

Em *O olhar feminino em The Handmaid's Tale, de Margaret Atwood*, Renata Gomes, Aline Cristina da Silva e Sarah Ellen Linhares procuram analisar a narrativa de *The Handmaid's Tale* (*O Conto da Aia*) e mostrar onde podemos encontrar nela os elementos que virão a constituir uma voz e um olhar femininos capazes de viabilizar o surgimento de um espaço necessário e legítimo de representatividade em meio à distopia paternalista, totalitária e fundamentalista da própria narrativa.

Roberta de Araújo Lantyer Duarte, em *O entre-lugar de Ponciá Vicêncio: O vazio como resistência*, discute a dimensão da vaziez, vivida pela personagem Ponciá Vicêncio nesse romance de Conceição Evaristo, enquanto uma das muitas

dimensões da ideia do banzo. No entanto, esse vazio do banzo não é pensado, como costumeiramente se faz, a partir dos preconceitos raciais, mas – sobretudo – a partir de um lugar de afirmação, a partir do qual a vivência da temporalidade pelos sujeitos não se encontra inscrita na temporalidade alienante da sociedade de consumo capitalista. Essa viragem na compreensão do banzo é pensada por Duarte a partir das lembranças – topos clássico da literatura – feitas por Ponciá que se recorda de seus antepassados e suas trajetórias. O tema da herança também se apresenta como guinada estruturante desse deslocamento de leitura e de reflexão sobre o banzo no artigo de Duarte.

Já em *O discurso sobre reprodução entre filosofias e pinturas: De Georges Bataille a Francisco Brennand*, escrito por Tainá Maívyys da Silva Santiago e Natanael Duarte de Azevedo, pretende analisar o processo de estruturação da identidade da mulher enquanto reprodutora e erótica a partir de um *mise-en-scène* de erotismo e reprodução via artes visuais (Francisco Brennand) e literatura (Georges Bataille). Pretende-se, portanto, pensar em que sentido as obras de Brennand e de Bataille contribuíram para a consolidação desse imaginário e como ele poderá ser redimensionado à luz dos debates contemporâneos sobre sexualidades e gênero.

Taís Cardoso, em *Pensar as escritas da arte como escritas de si: Sobre a crise das narrativas na história da arte e as possibilidades que ela oferece ao sujeito que narra*, procura realizar um breve recenseamento dos principais discursos sobre a crise das narrativas na história e na crítica de arte, sugerindo que essa crise na produção de um sentido totalizante para a história e para crítica poderá ser entendida enquanto um reflexo do próprio sujeito que pretende realizar o relato. A escrita dos artistas como agentes igualmente produtores de sentido para suas próprias obras ganha, nesse ínterim, espaço e legitimidade e reconduz a autora a sugerir a ideia de uma escrita da arte como escrita de si mesmo.

As duas resenhas dessa edição tratam de obras eminentemente filosóficas. A resenha de *Carta a Diogneto*, escrita por Felipe Gustavo Soares da Silva, Vinycius Bezerra Ferreira Cavalcanti Mattoso e Jannyelle Vitória Cabral, chama a atenção para uma das produções epistolares originárias do período patrístico, de consolidação do pensamento teológico no Medievo. A carta, muito celebrada pelos estudiosos medievais, trata do modo de vida e do modo de fé dos primeiros cristãos. E a resenha escrita por Rafael de Araújo e Viana Leite para o livro *Rousseau et le spectacle*, de 2014, apresenta o contexto de surgimento do livro a partir do interesse do pensador iluminista francês pelas dicotomias ontológicas do ser e do parecer, conhecidas desde Platão e sua tese sobre as artes miméticas, plasmadas no terreno das artes, sobretudo do teatro.

A primeira edição da **PHILIA** também conta com uma tradução e um ensaio visual. Renan Kenji Sales Hayashi celebra a belíssima obra de Yukio Mishima, um dos mais importantes artistas japoneses do século XX, ao traduzir para o português a inédita peça em estilo Nô chamada *Yoroboshi: o jovem cego*, de 1960. E Eduardo Montelli, em seu ensaio visual denominado *Transição & Queda*, oferece-nos uma série de 11 fotografias de suas observações cotidianas e experimentos que desdobram, cada uma a seu modo, reflexões sucessivas sobre o tempo e sua passagem que é sentida através das transformações das coisas.

Esperamos que o leitor aprecie o primeiro número de **PHILIA** em seus artigos, resenhas, tradução e ensaio visual e que, a partir das distintas colaborações aqui selecionadas e dispostas, possa levar em consideração o papel salutar que a arte, em seus diversos suportes e corporificações, desempenha no pensamento; não um papel de subserviência e de utilização exemplar, mera ilustração da abstração reflexiva; muito menos o papel de necessária distração das intermitências vitais; mas um papel de inquietante motivação, de excitação sensorial-mental-e-afetiva e, principalmente, diante de tempos complexos eivados de preconceitos obscurantistas, de desacomodação política.

Aproveitamos a oportunidade desse Editorial para agradecer a todas(os) aquelas(es) que fizeram parte desse nosso primeiro número. Nosso muito obrigado a autoras e autores por confiarem suas contribuições à revista e a avaliadoras e avaliadores por examinarem as submissões. Também agradecemos a atuação dos nossos Assistentes Editoriais Andre Luís de Souza Lima, Caroline Navarrina de Moura, Isadora Buzo Mattioli, Liana Schedler, Lis Yana De Lima Martinez e Luciane Bucksdricker, que tanto auxiliaram no processo de avaliação, e o trabalho das nossas Revisoras Laissy Taynã Barbosa, Denise de Quintana Estacio, Sara Luiza Hoff, pela contribuição nas composições.

Uma ótima leitura! São os votos de toda a Equipe Editorial da **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte!**

Referências

- GREENBERG, C. *Arte e Cultura*. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.
- LESSING, G. *Laocoon*. Paris: Éditions Klincksieck, 2011.
- ADORNO, T. *Teoria Estética*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- FERREIRA, G.; COTRIM, C. (Orgs.). *Escritos de Artistas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- DUVE, T. *Cousu au fil d'Or: Beuys, Warhol, Klein, Duchamp*. Villeurbanne: Art Éditions, 1990.
- WITTGENSTEIN, L. *Cultura e Valor*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- CARROLL, *Beyond Aesthetics*. Cambridge: CUP, 2001.
- GOMBRICH, E. *Arte e Ilusão: Um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MURDOCH, I. *A soberania do Bem*. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

Davi Alexandre Tomm, Guilherme Mautone, Lauro Iglesias Quadrado,
Patrícia Cristine Hoff, Paula Trusz | O recinto mágico onde dançamos nossa
torpe dança e cantamos nossa melancólica canção

NERUDA, P. *Towards the Splendid City*. The Nobel Prize. Disponível em:
<<https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1971/neruda/lecture/>>. Acesso
em: 25 jan. 2019.

NOË, A. *Strange Tools – Art and Human Nature*. New York: Hill and Wang, 2015.

Referência para citação deste editorial

TOMM, D. A.; MAUTONE, G.; QUADRADO, L. I.; HOFF, P. C.; TRUSZ, P.
Editorial – O recinto mágico onde dançamos nossa torpe dança e cantamos
nossa melancólica canção. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto
Alegre, volume 1, número 1, xiii - xxiii, fevereiro de 2019.